



ORBIS

Boletim do
LEPEB-UFF



VOL.2 – Nº 7
SETEMBRO-DEZEMBRO/2024
ISSN: 2965-2235

O Trágico Autoritarismo das Classes Médias

Rafael R. Ioris*

Refugiado desde meados dos anos 1930 nos Estados Unidos, o psicólogo social alemão Erich Fromm publicou, em 1941, o famoso livro “O Medo à Liberdade” onde analisa o substrato sociopsicológico que teria desempenhado um papel central na possibilitação do crescimento do movimento Nazista. Segundo o influente estudioso, frente à atomização crescente dos seres humanos, criada pela desestruturação do ordenamento social coletivista tradicional, fruto do processo de mercantilização e massificação do consumo próprio do capitalismo monopolista, os indivíduos não mais se sentem partícipes de um todo que lhes ofereça sentido à sua existência, para além do papel de consumidor (FROMM, 1983).

Diante dessa nova realidade cambiante, tentando fugir do estado de alienação crescente, um grande número de pessoas passa a buscar no envolvimento em grupos coletivos messiânicos, especialmente os liderados por líderes carismáticos, um possível reencontro com um sentido coletivo, perdido e irrecuperável, para suas existências atomizadas. Dado seu estado de frustração e ressentimento crescente, tais indivíduos, especialmente os das classes médias, crescentemente conservadoras dada sua sensação de perda do seu lugar supostamente privilegiado no mundo, seriam cada vez mais receptivos à noção de uma submissão plena às tarefas e ideário de tais movimentos, a despeito, e talvez mesmo por causa, de seu caráter autoritário e discriminatório.

Apesar de seu caráter datado, essa reflexão me parece útil para ajudar a entender muito do que ocorre no mundo de hoje, em várias partes do globo, inclusive na *Terra Brasilis*, especialmente no que se refere ao crescimento, ao longo dos últimos anos, de movimentos neopopulistas de direita, sejam eles neofascistas, supremacistas ou não. De fundamental relevância, ressalto o valor da noção, proposta por Fromm, de que em períodos de transformações amplas e impessoais, sentidas como incontroláveis e desestruturadoras do ordenamento normal da vida, as classes médias, ou médias baixas, tendem a apoiar movimentos salvacionistas que prometem um retorno à ordem perdida, e que nesse processo, cada vez mais, esses grupos relevariam seu caráter conservador, preconceituoso, arrogante e opressor.

Essa caracterização certamente se aplica ao caso da ascensão de Trump nos Estados Unidos, assim como à onda direitista – que tem no bolsonarismo sua face mais extrema – que aflorou de modo loquaz no Brasil nos últimos tempos. De fato, se nos anos 1950 e

início dos anos 1960, frente ao processo de urbanização acelerada e mudanças socioeconômicas históricas, os movimentos de massa eram chefiados por lideranças populistas que prometiam e, em algum grau, concretizavam um maior grau de inclusão, vemos hoje que, em linhas gerais, a novidade, em termos de mobilização coletiva, tem sido provida por movimentos de viés reacionário, defensores de pautas exclusivistas (não igualitárias), quando não preconceituosas e racistas, sob fortes ecos de um passado autoritário que, em certo momento, acreditamos termos sido capazes de superar.

Quase tão trágico quanto a erosão da emergente democracia alemã criada pela jovem República de Weimar, as classes médias e médias baixas brasileiras, especialmente as historicamente mais privilegiadas do centro-sul do país, também vem revelando seu caráter autoritário e preferência pela destruição da também jovem democracia tupiniquim, uma vez que isso foi visto como necessário para impedir o que fora entendido como a erosão do seu status social relativo, frente à ascensão, também relativa, de grupos historicamente excluídos, vistos pelos primeiros como não merecedores de participar do corpus público, senão como cidadãos de segunda ou terceira classe. Como ocorreu com as classes médias alemãs dos anos 1930, a tragédia se agrava dada a falácia de que a ameaça aos seus privilégios viria de baixo, ou seja, por uma pequena ascensão dos trabalhadores, enquanto, de fato, as verdadeiras elites tradicionais continuam dotadas da sua posição de benefícios inacessíveis e intocáveis.

Temos de fato, visto que, frente a uma muito incipiente mas, ainda assim, tida como ameaçadora alteração no ordenamento social tradicional, especialmente no que se refere às tradicionais hierarquias de classes e raça, em uma das sociedades mais injustas e racistas do mundo, segmentos crescentes das classes médias e, trágica e ironicamente, médias baixas, passaram a adotar um discurso anti-inclusão, antidemocrático, quando não abertamente racista e protofascista, revelador do substrato autoritário fortemente ainda presente e preocupantemente crescente, da sociedade brasileira.

As manifestações concretas de tais discursos tem sido várias, desde o messianismo das igrejas neopentecostais e do salvacionismo *mano dura* de líderes como Bolsonaro até o neoliberalismo redivivo juvenil de grupos como o MBL, cujo reacionarismo moral e racismo causaria medo aos seus próprios oráculos (como Misses e Hayek). Em comum, há a defesa do retorno a uma sociedade hierarquicamente organizada (no nosso caso, de castas), onde cada um deve saber, e nunca esquecer o seu devido lugar no todo social.

Assim, ecoando os tambores do coletivismo fascista dos anos 1930, enquanto as verdadeiras elites continuam em seus tradicionais lugares de privilégio, assistimos tentativas de destruição da nossa mais recente – e ainda frágil – experiência

democrática, resultante em grande parte do autoritarismo das nossas classes médias, na, muitas vezes, sem nos darmos conta das graves consequências de tal processo. Afinal, a gênese do que viria a ser o bolsonarismo se daria *pari passu* com a atuação da Operação Lava Jato e com o processo de desestabilização do governo Dilma Rousseff, que teria como pano de fundo grandes manifestações de rua com forte presença das camadas médias, mobilizadas principalmente em torno de um genérico discurso em defesa da “moralidade pública” e “contra a corrupção”.

Referências:

FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

*Doutor em História Latino-Americana (Emory University/EUA) e Professor do Departamento de História da University of Denver (EUA). Autor de *Qual Desenvolvimento? Os debates, sentidos e lições da era desenvolvimentista* (Paco Editorial, 2017). E-mail: rafael.ioris@du.edu.